

HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: REGISTRO DA SEGUNDA TURMA DE HISTÓRIA UFPB/PEC-MSC

Carla Maria de Almeida

Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba
carlaa_almeida@hotmail.com

Henny Nayane Tavares de Araújo

Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba
henny_tavares@hotmail.com

O presente trabalho visa apresentar resultados parciais do projeto “História, Memória e Documentação Visual: Programa de Educação Continuada – Movimentos Sociais do Campo (PEC-MSC)”, financiado pelo CNPq, coordenado e orientado pela professora Regina Maria Rodrigues Behar¹, com a participação de seis alunos bolsistas do curso de História e ainda, com a participação e apoio da professora Cláudia Cristina do Lago Borges². O referente projeto tem o objetivo de acompanhar e produzir registros históricos acerca da segunda turma do curso de Licenciatura Plena em História para Movimentos Sociais do Campo

O Departamento de História da UFPB possui dois cursos de graduação, um, semelhante aos demais cursos, tem a entrada dos alunos pelo vestibular universal, e outro, destinado a atender um público de assentados e vinculados aos movimentos sociais do campo. O primeiro, denominado pelos professores de “extensivo”, por ter seu cronograma dividido em nove períodos de quatro meses, de acordo com o calendário universitário. E o segundo, o “intensivo”, por ter um caráter denso e sequencial, dividido em etapas que duram em média dois meses, no chamado tempo-escola, em que os alunos assistem as aulas durante a manhã e a tarde, e ficam alojados conjuntamente. Após o término de uma etapa, os alunos regressam para suas cidades, retornando às suas atividades de militância aplicando, em seu cotidiano, o conhecimento teórico recebido em sala de aula, chamado de tempo-comunidade.

O ingresso dos estudantes da turma de História PEC-MSC (Programa de Educação Continuada – Movimentos Sociais do Campo) se fez por meio de um

vestibular eliminatório restrito apenas aos militantes camponeses. A primeira turma iniciou o curso no ano de 2004, finalizando em 2008. Nesse mesmo ano, iniciou a segunda turma, que finalizará o curso em dezembro de 2011. Inicialmente, a turma era composta por sessenta alunos, oriundos de todas as regiões do Brasil, dos quais onze desistiram e uma faleceu, resultando em quarenta e oito alunos ligados ao Movimento dos Sem-Terra (MST), Pastoral da Juventude, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Quilombolas, Movimento dos Pequenos Agricultores.

Criado na Universidade Federal da Paraíba por meio da Resolução 16/2004, de 27 de maio de 2004, dentro do Programa Estudante Convênio, por meio de uma parceria entre o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), a Fundação José Américo e a UFPB, este curso representa uma nova experiência para o ensino superior público brasileiro, ele dá a oportunidade às pessoas com limitações ao ingresso na Universidade, em virtude de suas participações no referido movimento.

A proposta do projeto é registrar a memória de um grupo de pessoas envolvidas na luta pela terra e suas experiências no espaço universitário. É apresentar, através deste, a importância do curso para a democratização do ensino superior, em que pessoas oportunidades reduzidas de ingressar numa universidade, se encontram inseridas nela. É contar a história dos “que não tem a história oficializada”(MEIHY, 1996).

Apesar de trabalhar, predominantemente, com a gravação de áudio visual, pode-se afirmar que uma das principais metodologias utilizada na construção do projeto, foi a metodologia da história oral, pois levou-se em consideração o que afirmou Meihy (1996) em suas discussões sobre o que seria tal método:

Inegavelmente os projetos que envolvem vídeo tem atraído grande número de adeptos. Nesse caso, deve-se considerar entrevistas filmadas parte integrante da história oral, ainda que mereçam tratamentos diferenciados. Uma vez que a filmagem implica a soma do som com imagem, exige-se: postura determinada do depoente, definição do comportamento e do papel do entrevistador e a quase-obrigatoriedade da presença de outro ou outros participantes. Essa situação implica, pois, um conjunto de procedimentos diferentes da gravação feita exclusivamente com gravador comum. (p.28)

A história oral tornou-se, com a modernidade, um recurso paralelo à documentação escrita, apresentando a forma de captação através do áudio, é utilizada, principalmente, para o registro da vivência de grupos. Todavia, é importante ressaltar, que nem toda gravação ou entrevista constitui produto da história oral, essas podem se

[Digite texto]

tratar simplesmente de documentos orais ou sonoros. O trabalho com essa metodologia requer todo um processo de atividades realizadas antes e depois da gravação dos depoimentos.

No nosso projeto consideramos a importância das etapas anteriores às entrevistas, realizamos levantamento de dados e nos dedicamos às discussões em torno dos roteiros e das formas apropriadas de aproximação aos entrevistados. Levamos em conta a obtenção de informações básicas e relevantes, pois, como afirma Thompsom (1992), quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenha conteúdo valioso numa entrevista.

Durante esta primeira fase, foi constante a preocupação para que a formulação das perguntas estivesse adequada ao contexto e também para que essas questões fossem ao mesmo tempo amplas e pertinentes, capazes de gerar respostas que fugissem de generalizações evasivas e repetitivas.

Algumas das entrevistas foram coletivas e estimuladas pela presença de fotografias, outras foram individuais e realizadas sem estímulos para além do formato básico pergunta-resposta. Não existiu um processo de escolha dos alunos entrevistados, na realidade, a seleção se deu de forma espontânea, foram gravados depoimentos daqueles que se sentiram mais a vontade na presença da câmera e do gravador e que decidiram expor suas opiniões e vivências.

Por se tratar de um projeto diferenciado, que trabalha também com a captação visual e que tem uma finalidade extra (a produção de um documentário), as etapas pós-gravação foram pensadas de forma distinta. Os estágios que geralmente se seguem à gravação são a transcrição e a textualização, no entanto, no nosso projeto ainda não estamos trabalhando nessas atividades, por enquanto, estamos nos concentrando no estudo do material coletado e do seu potencial como registro histórico, como discurso político e como imagem artística.

Outras etapas pós-entrevistas, típicas da metodologia da história oral, que pretendemos realizar de forma atenciosa e ponderada são as etapas de conferência e de arquivamento. Temos como responsabilidade e objetivo expor o material documentado aos depoentes, buscar suas autorizações e incorporar suas ressalvas. E também temos o compromisso de disponibilizar as gravações de forma organizada e protegida, para posterior utilização a futuros a pesquisadores.

A escolha pela metodologia da história oral para o projeto foi feita por seu caráter mais democrático, estando relacionada ao movimento conhecido como “história vista de baixo” a história oral e seus métodos permite que aqueles que participaram da vivência histórica considerada expressem seus pontos de vista, permite que suas palavras, memórias e interpretações sejam incluídas nos registros históricos e nas produções historiográficas.

É verdade que os métodos da história oral podem também ser utilizados para registrar a vida pessoal de elites diversas e para outras temáticas com uma vinculação política apenas indireta. No entanto, é fato que tal metodologia aliada ao compromisso social dos pesquisadores é uma das mais capazes no sentido de “dar voz aos sujeitos” que estavam à margem (THOMPSON, 1992) e no propósito de engendrar re-interpretações de fatos cristalizados pelos documentos oficiais.

Trabalhar somente com fontes tradicionais e construir uma história oficializada seria uma escolha incoerente com o próprio perfil da turma. Composta por alunos provenientes de movimentos que sempre lutaram por mais espaço nos meios de comunicação, nas políticas públicas e na sociedade em geral, a turma com um grau de consciência social relevante, não seria bem representada por uma construção histórica que deixasse de lado os sujeitos. Portanto o intuito do projeto, ao utilizar a história oral, visa contribuir com a construção da memória do curso e da Universidade e também dar historicidade ao processo de luta dos movimentos sociais do campo no âmbito da educação.

Notas

1. Possui graduação em Licenciatura Plena Em História pela Universidade Federal da Paraíba (1987), mestrado em História pela Universidade de Brasília (1992) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Tem atuação em pesquisas voltadas para história do Brasil no período republicano, com interesse nas temáticas que envolvem discussão a propósito da relação artes/história, cinema/história e imagens/ensino de história.

2. Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1995), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Atuou como professora substituta do Centro de Ensino Superior do Seridó; professora e coordenadora do núcleo de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Católica Santa Teresinha, em Caicó/RN. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica; e em História Colonial, especialmente sobre a escravidão em áreas pecuaristas e irmandades religiosas de negros. Atualmente é professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba

Referências Bibliográficas:

- BEHAR, Regina. *O uso do vídeo no ensino de história*. João Pessoa: CCHLA/Universitária UFPB, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário* (tradução: Mônica Saddy Martins). Campinas-SP: Papirus, 2005.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3º ed. (tradução: Lólio Lourenço de Oliveira). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.